



Cabruncos aos milhares

*Enquanto os humanos riam,
estranhas formas eram proliferadas.
E do ventre demoníaco nutriam
garras microscópicas, bem afiadas.*

*Enquanto os humanos viviam,
forças brutas estavam se expandindo.
As bestas, a galope, logo cresciam:
umas babando, as demais cuspiendo.*

*Enquanto os humanos respiravam,
mais e mais a paisagem tremia.
Povos inteiros gemiam e pulavam.
O cão virótico não parava ou cedia.*

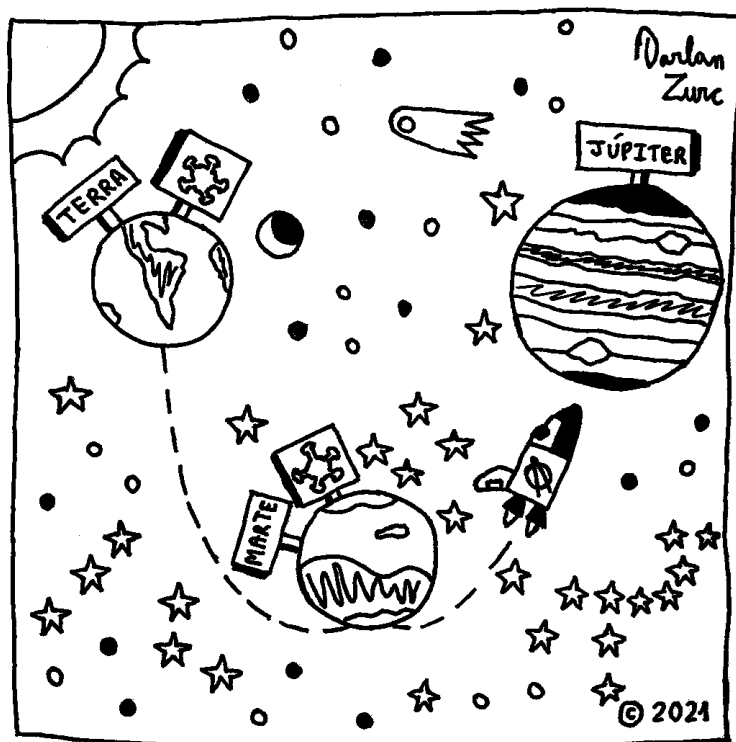
*Enquanto os humanos choravam,
cabruncos apareciam aos milhares.
Na pressa, antídotos mal lutavam.
No atrito, caíam crenças e lugares.*

*Enquanto os humanos lamentavam,
as pragas corriam em contra-ataque.
Novas e velhas defesas recomçavam.
Cadáveres se espremiavam no embate. •*

Poema da antologia de vários autores
Palavras do cotidiano (São Paulo,
Scortecci, 2021, vol. 1, 2 vols., R\$40/unid.)

É melhor ser vidro?

Duas taças são apalçadas com firmeza por um garçom habilidoso. Ele as desemborça e, num movimento de mestre, deita em uma delas o vinho mais caro do bar e, na outra, um suco de pêsego preparado na hora. Os restos de frutas frescas e maduras estão prontos para



seguir um dos ciclos inevitáveis da vida: virarão adubo de rumações de vacas.

O par de taças, uma com o vinho e a outra com o suco, recebe o aconchegante aperto de dedos de outro garçom amigável — este, com os cotovelos sobre o balcão impecavelmente brilhoso, se encontra do mesmo lado do banco dos clientes. Ele repousa cada uma em seu devido pires, que mais parecem feitos para comportar petiscos. As duas taças e os dois pires são colocados, por sua vez, sobre uma bandeja um pouco pesada, de inox, e o garçom atravessa parte do salão, desviando-se de algumas cadeiras e do burburinho de amigos e de casais sentados por perto.

À espera delas está um senhor já idoso, com paletó novo, chapéu bem tratado, lenço no bolso brotando para fora, sapatos de couro e uma alegria imperceptível, cujo rosto não é tão marcado pelo desgaste do tempo.

Na frente dele, com uma roupa que parece ter a assinatura do mais gabaritado estilista da época, encontra-se a neta. •

Trecho do conto da antologia de vários autores *A imaginação é um abismo* (São Paulo, Carapaça, 2016, R\$40), organizada por Tiago Novaes

EXPEDIENTE

Fundado em janeiro de 2022.

Editor, desenhista, diagramador,
fundador e redator: Darlan Zurc.

Periodicidade: irregular.

Contato: darlanzurc@darlanzurc.com, (011)

97215-8154, www.darlanzurc.com e Caixa

Postal 2501, Guarulhos (SP), CEP 07010-972.

© *Umbu Verde* é marca registrada no Instituto
Nacional de Propriedade Industrial (INPI).



“Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades”. Frase irretocável. Porém, este **Umbu Verde**, a despeito das mudanças do tempo, retoma uma vontade antiga do redator de fazer jornalismo impresso e focado em cultura.

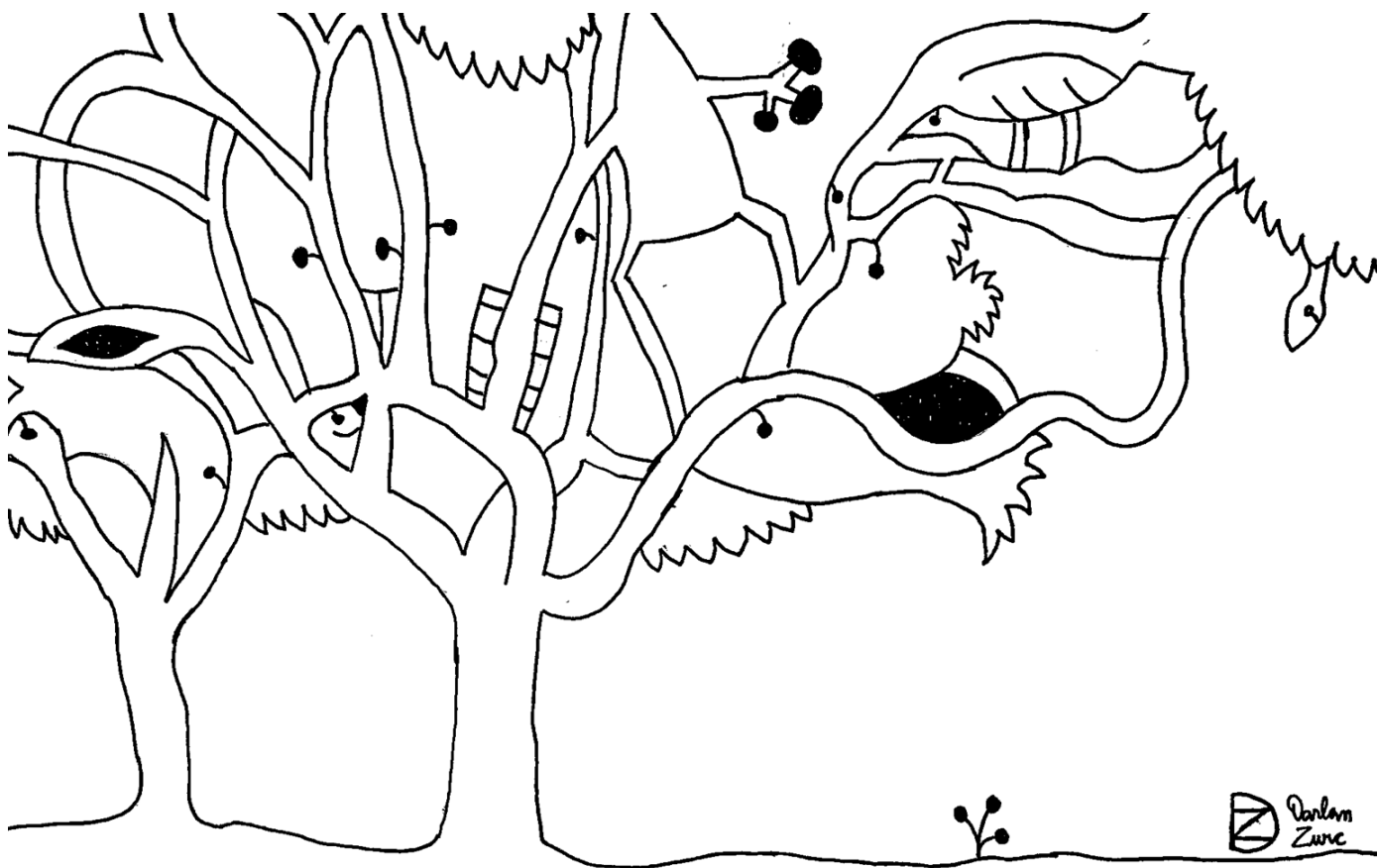
A ideia não é publicar texto inédito ou exclusivo. Os desenhos podem até ser. Na verdade, pretende-se apenas divulgar aqui a produção cultural do próprio redator e já feita para outras plataformas (livro, Internet, etc.).

Ainda que tenha uma periodicidade irregular, o **Umbu Verde** é também um exercício de produção gráfica. A beleza, seja quando for, precisa se manifestar tanto na forma quanto no conteúdo.

As permanências nos orientam, as mudanças nos adaptam. O uso do mimeógrafo na década de 1990 (para um jornal de colégio) e o uso hoje do editor Word comprovam a relação complexa e necessária entre o tempo e a vontade, entre o passado e o futuro. ●

Editorial

Em determinada ocasião, observou o poeta português Luís de Camões (c. 1524-1580):



© 2021

No aió das ilusões

Passarinhos famintos mal sabiam do plano de manhã arquetizado por meninos com badogue jogado no aió das ilusões que já sumiam.

As cercas não foram impedimento diante do desejo de realizar o fim. Arames farpados pareciam trampolim. O maior obstáculo era o afobamento.

Um dos modos para se tentar chegar às árvores que guarneciam os viventes era ter a cautela dos combatentes quando na guerra poderiam atacar.

Troncos frondosos tapavam a visão de ansiosos humanos de treino pouco. Pedras rasgavam o céu como um louco, mas nada com penas caía no chão.

Um monte de galhos no solo estava em convívio com animais traiçoeiros. Os meninos corriam mundos inteiros sob a morte, que também os caçava. •

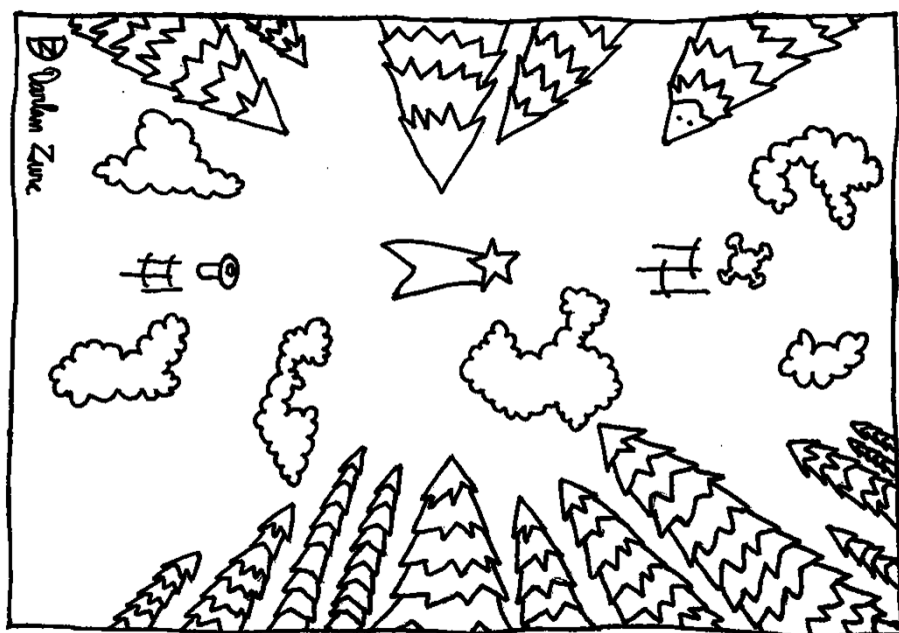
Poema da antologia de autores premiados *Afeigraf 2020* (São Paulo, Scortecchi, 2020, R\$40); Afeigraf é a Associação dos Agentes de Fornecedores de Equipamentos e Insumos para a Indústria Gráfica

Paulo Coelho vende mais porque é fresquinho

Ele pode não ter talento literário formidável, pode fazer jogo de cena em enredos razoáveis e pode prender o leitor aqui e ali diante de um momento dramático. É bestseller e, como todo bestseller moderno que se preza, atinge altas vendagens por qualquer motivo menos em razão de grandes qualidades literárias. Ainda assim, mesmo na suposição de ser verdade, Paulo Coelho merece crédito.

Em se tratando de livro ou qualquer outro texto no mundo, não devem ser levadas em conta as boas intenções do autor sem um respaldo sequer da qualidade do que escreveu. A rigor, todo escritor deveria escrever bem, ser entendível. Vá lá que um James Joyce tenha estilo embolado, ao contrário de um Alberto Manguel, que produz com a leveza de um bebê dormindo. Subtraindo os aspectos estilísticos, sobrariam o conteúdo da mensagem, a sofisticação das ideias, a profundidade ou a universalidade dos personagens e o jogo da narrativa.

O Paulo Coelho de Nas margens do rio Piedra eu sentei e chorei e de O alquimista não fica devendo nada a certos escritores badalados pela crítica. Se fôssemos avaliar, por exemplo, João Ubaldo Ribeiro e Luis Fernando Verissimo pelo que sai na grande imprensa em termos de conto e crônica (incluindo boa parte dos livros de Verissimo), até que o nosso mago está muito bem, obrigado. Considerando o fato de que 1.º) colunas diárias ou semanais em jornal descabelam o escritor, colaborador ou articulista para prestar serviços aos leitores com regularidade, faça chuva ou faça sol, e que 2.º) ele, o autor, é obrigado a manter um padrão mínimo nos textos, resta perguntar se não seria melhor ele próprio aparecer apenas em determinadas ocasiões. ▶



O Ubaldo de jornal acerta vez ou outra; Veríssimo, *idem*. O primeiro lança ora humor recorrente, ora análise zombeteira. E o segundo lembra esse método ubaldiano, mas com outra linguagem e sem maior pretensão: ou faz gracinhas ou escreve sobre sexo. Ponto. Diante desses casos, o Paulo Coelho jornalístico e também o dos livros é bastante audacioso, mais incisivo e mais eloquente: reformula minifábulas sobre assuntos ligados a angústia, felicidade, mudança de vida, escolhas importantes, etc. É a típica história que surgiu para mexer com a razão de existir dos leitores.

Coelho tem a seu favor a situação segundo

a qual a humanidade (isto é, a cultura de massa) se mostra interessada em um aprimoramento de suas virtudes. Todos nós parecemos estar órfãos de certo modo e, apesar do corre-corre do dia a dia, estamos buscando a solução para nossas angústias.

E o mago se distancia desses dois grandes autores e leva vantagem porque traz a sabedoria de séculos de importantes civilizações (asiáticas e cristãs, entre outras). •

Trecho do artigo do livro *A fúria de papéis espalhados* (São Paulo, Scortecci, 2020, R\$40, papel; 2021, R\$25, e-book e audiobook), de Darlan Zurc

Darlan Zurc sob fúria: em papel, e-book e audiobook*. Nas melhores livrarias (e nas piores também)

“Muito crítico”
FOLHA DE
S. PAULO

“Ele escreve
bonito”
RÁDIO CBN
(PAULISTANA)

© 2022. Foto: divulgação. Arte: Darlanzurc.com



* O audiobook está acessível apenas a partir do e-book e via assistente de voz Alexa (Amazon), Assistant (Google) ou Siri (Apple) — para celular, computador, *smart speaker* e *tablet*.